

A interação entre pessoas surdas: o papel dos marcadores discursivos na língua brasileira de sinais

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v51i3.3295>

Vanessa Hagemeyer Burgo¹
Sheyla Cristina Araujo Matoso²

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de analisar o emprego dos marcadores discursivos na língua brasileira de sinais e o papel que desempenham na interação entre pessoas surdas. O arcabouço teórico está fundamentado, principalmente, em Marcuschi (2003, 1989), Preti (1999), Castilho (2017, 2016, 1989), Urbano (1999), Galembeck e Blanco (2001), Risso, Silva e Urbano (2015), Schiffrin (1987) e Quadros (2017, 2016, 2015), e o *corpus* é formado por vídeos disponíveis na internet pelo projeto da Universidade Federal de Santa Catarina, denominado *Corpus de Libras*. Como resultados, observamos que, assim como as línguas orais, a libras também dispõe de marcadores discursivos com funções definidas em um evento comunicativo: atuam na organização, estruturação e articulação do texto, atribuem dinamicidade ao diálogo e contribuem para a construção e gestão do ato conversacional.

Palavras-chave: marcadores discursivos; língua brasileira de sinais; pessoas surdas.

1 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; vanessahurgo@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-5350-6943>

2 Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; smatosos@hotmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-8508-7242>

Interaction among deaf people: the role of discourse markers in Brazilian Sign Language

Abstract

This work aims to analyze the use of discourse markers in Brazilian Sign Language and the role they play in the interaction among deaf people. The theoretical framework is based mainly on Marcuschi (2003, 1989), Preti (1999), Castilho (2017, 2016, 1989), Urbano (1999), Galembeck and Blanco (2001), Risso, Silva and Urbano (2015), Schiffrin (1987) and Quadros (2017, 2016, 2015), and the corpus is composed of videos available on the internet by the project of the Federal University of Santa Catarina called *Corpus de Libras*. According to the findings, we highlight that both libras [Brazilian Sign Language] and oral languages have discourse markers with defined functions during a communicative event: they act in the organization, structuring and articulation of the text, add dynamicity to the dialogue and contribute to the construction and management of the conversational act.

Keywords: discourse markers, Brazilian Sign Language, deaf people.

Introdução

Os estudos acerca da libras estiveram, por muito tempo, afastados do viés investigativo linguístico pela incompreensão de suas particularidades. Várias crenças corroboraram essa postura e, dentre elas, destacamos algumas com base em Gesser (2009), quais sejam: as línguas de sinais (doravante LSs) seriam universais, artificiais, agramaticais, limitadas e simplificadas; não passariam de mímicas, gestos e pantomimas; seriam menos conceituais do que as línguas orais, vistas apenas como versões sinalizadas das línguas orais-auditivas, desprovidas de estrutura própria; e utilizadas por todos os surdos de todas as sociedades de modo uniforme, não possuindo variedades e diversidade. A autora postula, ainda, que “a relação entre as línguas, entretanto, não é, nem nunca foi neutra ou simétrica. Como no caso de quaisquer outras línguas que estão em contato, há sempre em jogo questões de poder e as decorrentes situações de conflito” (GESSER, 2009, p. 34). Nesse sentido, entendemos que a libras (língua utilizada pela maioria da comunidade surda brasileira), por se tratar de uma língua como qualquer outra, é construída por meio da interação entre seus usuários, estando em constante desenvolvimento, o que permite estudá-la de forma a reconhecer suas peculiaridades linguísticas, colocando em relevo seu processo de construção e os elementos que a constituem.

Esta pesquisa tem por objetivo, portanto, evidenciar como os marcadores discursivos (doravante MDs) são utilizados nas línguas de sinais, assinalando suas funções interacionais e pragmáticas durante a interação entre surdos fluentes na língua. Partindo dessas investigações, o estudo realizado nas conversações sinalizadas nos possibilitou também analogias com a língua oral-auditiva em português que contribuíram para a

compreensão dos itens linguísticos utilizados na libras, como forma de articulação da enunciação em sinais.

Com base na interação linguística entres surdos fluentes em libras, Leite (2008, p. 17) afirma que a conversação pode ser “considerada uma forma primordial de interação social entre humanos”, e indica que “a prática da conversação, enquanto atividade social, exige a coordenação de ações a fim de que certos objetivos sejam alcançados”. O autor pondera, referindo-se aos estudos de McCleary (2003), que essa “ênfase na conversação [...] se justifica ainda mais no caso das comunidades como a dos surdos, que, por não possuírem uma escrita para as LSs, estabelecem as suas trocas sociais primordialmente em situações próprias da (corp)oralidade” (LEITE, 2008, p. 135).

Nesse sentido, para estudarmos o uso dos marcadores discursivos durante a sinalização de surdos fluentes em libras, foi necessário recorrermos às questões teóricas já alicerçadas, embasadas por meio de análises em línguas de modalidade oral-auditiva, para, então, somarmos na contribuição de novos estudos que versem sobre línguas sinalizadas, que utilizam o canal viso-espacial para interação linguística. No entanto, esta análise comparativa não pretende asseverar o que Maher (1997) aponta como embate diglössico³, em que a língua portuguesa possui um *status* linguístico de prestígio, deixando as demais línguas utilizadas no país como “subalternas”. Vale ressaltar que as comparações e as trocas são passíveis em outros estudos linguísticos que abordam mais de uma língua, mesmo que sejam apresentadas na mesma modalidade.

Para uma pesquisa que investiga a utilização dos marcadores discursivos na língua brasileira de sinais, buscamos nos atentar ao mapeamento, à identificação e à compreensão destes como intrínsecos às línguas em um ato conversacional. Trilhamos, para tanto, a via análoga necessária para os estudos destes marcadores em momentos de conversações em libras.

A rigor, observamos que as línguas de sinais possuem sua construção e elaboração da enunciação planejada de maneira assemelhada às línguas orais-auditivas. Galembeck e Carvalho (1997, p. 17) evidenciam as três características básicas da língua falada: “a) ausência de uma etapa nítida de planejamento; b) a existência de um espaço comum compartilhado entre os interlocutores; c) o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação”. Essas características, de igual forma, podem ser evidenciadas na língua de sinais utilizada pela comunidade surda brasileira.

3 “Entendido desta maneira, o fenômeno diglössico se refere, em última instância, a um jogo de ocupação linguística. Neste jogo, a língua dominante tenta ‘abocanhar’ funções próprias da língua dominada, ‘enfraquecendo-a’, ‘empurrando-a’ para usos e funções cada vez mais restritos e/ou desprestigiados” (MAHER, 1997, p. 22).

Outro ponto que gostaríamos de salientar, justificando esta pesquisa, está relacionado à socialização de pesquisas que envolvem a documentação dessas línguas, tendo em vista que, por meio de pesquisas, estas podem ser preservadas e reconhecidas por seus usuários e demais população. Compreendemos que a libras carece ainda de estratégias de visibilidade, e a disseminação de pesquisas deste cunho pode contribuir para a sua socialização e difusão. Com efeito, é importante ressaltar a legitimidade dos elementos linguísticos utilizados na construção da libras, visando a combater uma possível visão equivocada, alicerçada em uma sociedade que nem sempre respeita e tampouco valoriza aquilo que é diferente do convencional. Nesse sentido, esta pesquisa busca contribuir, também, para o processo de visibilidade e compreensão acerca das línguas de sinais, em especial, a brasileira.

Metodologia

Utilizamos como *corpus* para esta pesquisa os vídeos disponíveis no sítio da Universidade Federal de Santa Catarina, no portal Libras. Tal acervo é composto por parte do Inventário Nacional de Libras e integra o projeto denominado Corpus de Libras. Esse projeto foi constituído, segundo as descrições contidas no sítio, com o objetivo de pesquisar, catalogar e difundir a libras, e conta com um acervo catalogado por Estados, o qual, durante todo o período desta pesquisa, se manteve em construção.

O acervo que utilizamos para compor o *corpus* começou a ser formado no ano de 1995 e envolve diferentes ramificações de outros projetos, com fins semelhantes, compreendendo *corpora* de fontes diversas e diretrizes diversificadas para o registro dos dados e metadados em libras. Esse inventário tem por objetivo estabelecer a documentação da libras em âmbito nacional, possuindo dados coletados da Grande Florianópolis (Santa Catarina) e de Maceió (Alagoas). Sua metodologia compreende interações de surdos em pares, divididos em três grupos, por idade e por gênero (QUADROS, 2016). Já havia, na comunidade local de Florianópolis, 36 participantes surdos, os quais “participaram das atividades em duplas, com amigos ou conhecidos da mesma faixa etária, conforme organização prévia, ou seja, três grupos de três faixas etárias diferentes” (QUADROS *et al.*, 2018, p. 29). Nas palavras da pesquisadora:

As entrevistas e a coleta do vocabulário foram conduzidas por dois surdos da região metropolitana da Grande Florianópolis com cada participante da pesquisa, individualmente. As demais atividades foram realizadas entre os participantes em duplas sob a condução dos dois surdos locais. Para as filmagens, foi montado um estúdio na Universidade Federal de Santa Catarina com quatro filmadoras para captar os informantes em diferentes perspectivas, exatamente para apreender a dimensão corporal dessa língua, uma língua visual-espacial. Cada participante visualizava o seu interlocutor e uma tela com as imagens relacionadas com cada tópico da interação. (QUADROS *et al.*, 2018, p. 29).

A autora explica que “os instrumentos envolveram uma entrevista, conversa livre, conversas temáticas, narrativas com base em histórias em sequência, narrativas com base em cliques de filmes não falados e levantamento de vocabulário” (QUADROS *et al.*, 2018, p. 35). Com o intuito de analisar a conversação em libras de maneira mais espontânea, eliminamos os vídeos que continham entrevistas, narrativas e levantamento de vocabulário, pois julgamos ser mais apropriado trabalharmos com o gênero “conversas” para este estudo. Buscamos, então, as interações que possuíam temas livres entre duplas de surdos. A seleção dos vídeos foi direcionada, primeiramente, pela disponibilidade do acervo no inventário em libras. Como indicado acima, o material está catalogado por Estados e apenas as duas capitais citadas possuíam, até o término desta pesquisa, vídeos que pudessem compor o *corpus* investigativo para transcrição e análise linguística.

A respeito da convenção para a transcrição, seguimos as orientações indicadas por Quadros (2015), as quais foram adotadas como parâmetro para este trabalho. Esses padrões para a transcrição foram organizados e sugeridos pela autora, contribuindo de forma categórica ao que pretendíamos nesta pesquisa. Partindo das traduções e transcrições, constituímos os excertos com os trechos onde os MDs foram localizados. Também foi realizado um agrupamento dos marcadores encontrados por tipos e funções, apontando-os por meio de discussão dos dados com base nos pressupostos teóricos deste estudo. No entanto, o que se apresenta nos excertos são recortes no momento em que localizamos esses marcadores, com aproximação antes e depois, para que construíssemos um *corpus* com vistas a compreender o que estava sendo dialogado.

Para a transcrição e análise dos dados, utilizamos um *software* desenvolvido pelo *Max Planck Institute*, o qual se encontra disponível de forma livre e recebe o nome de Sistema de Anotação *Eudico Annotator* – ELAN. Por meio desse sistema, foi possível a transcrição dos vídeos de conversação de forma mais detalhada, pois alguns recursos contribuem para o processo de transcrição e tradução da língua de sinais (também utilizado na tradução de línguas orais). Como apontam McCleary, Viotti e Leite (2010, p. 276), “uma grande vantagem que o ELAN apresenta para a transcrição das línguas de sinais é a possibilidade de visualizar duas ou mais tomadas de vídeo simultaneamente”. Com isso, há a possibilidade de anotar alguns sinais não manuais relacionados ao rosto, ou outros movimentos corporais que estão ligados à língua em uso, tendo em vista que esta é de modalidade visual-espacial, e todos os detalhes que envolvem as expressões corpóreo-faciais são relevantes dentro do processo de análise linguística. Acerca da diversidade desses movimentos, Brito (1995) aponta que os articuladores primários das LSs são as mãos que, em movimento no espaço, articulam os sinais formando as sentenças no lugar estabelecido a frente do tronco e da face. Os enunciados são construídos nesse espaço, os quais envolvem os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço. Tais movimentos, no espaço ou sobre o tronco, podem ocorrer em linhas retas, em movimentos circulares, em curvas, em movimentos com sinuosidade e em várias posições e direções.

Vale considerar, portanto, que, ao se pesquisar as línguas de sinais e seu processo constitutivo, faz-se necessária a compreensão de que tais línguas envolvem movimentos que significam a possibilidade de organizar as ideias e estruturar o pensamento, contribuindo para a manifestação do sentido da vida para os surdos, usuários desta língua (QUADROS, 1997).

Marcadores discursivos

Os marcadores discursivos, também nomeados como marcadores conversacionais por alguns autores⁴, são elementos típicos da língua falada que contribuem para a organização textual e interativa. Possuem caráter multifuncional e corroboram o monitoramento da conversação, assim como a coesão e coerência do texto. Em conformidade com Risso, Silva e Urbano (2015, p. 371), “trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada” e que, no plano verbal, envolvem: “sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem”.

Em consonância com Marcuschi (2003, p. 62), os marcadores “não contribuem propriamente com informações novas para o desenvolvimento do tópico⁵, mas situam-no no contexto geral, particular ou pessoal da conversação”. Eles funcionam como articuladores da conversação, verbalizando o monitoramento da fala e mantendo a interação conversacional, indicados como “organizadores globais” da fala (CASTILHO, 2016, p. 46). Eles podem ter a função, entre outras, de instituir tempo à organização do pensamento, sustentar ou retomar o turno⁶, monitorar a receptividade da mensagem, marcar ideias e interesses comunicativos e constituir-se como uma das ferramentas que atuam na interação entre os pares linguísticos. Para Preti (1999, p. 233), trata-se de:

4 Nesta pesquisa, adotamos a denominação de “marcadores discursivos”, pois concordamos com a visão de Risso, Silva e Urbano (2015, p. 372), os quais defendem ser esta mais adequada e abrangente. Os autores reconhecem na nomenclatura “marcadores conversacionais” “uma limitação por sugerir, de forma inevitável e inadequada, um comprometimento exclusivo com a língua falada, e, dentro dessa modalidade, com um gênero específico, que é a conversação”.

5 Segundo Brown e Yule (1983, p. 73), o tópico pode ser considerado como aquilo acerca do que se fala ou se escreve. O tópico, nesse sentido, é um aglomerado coerente de pensamentos introduzidos por algum participante na conversação, desenvolvido por ele, por outro ou por vários participantes em conjunto (CHAFE, 2003, p. 674).

6 Nas palavras de Castilho (2016, p. 36), o turno é conceituado como o “segmento produzido por um falante com direito a voz”. De acordo com Galembeck (2003, p. 65), turno é a “participação de cada interlocutor”, ou seja, a oportunidade de falar, tomar a palavra, em algum ponto da conversação. Quando um interlocutor passa de ouvinte a falante, ele dá início ao seu turno.

[...] vocábulos ou expressões fixas e estereotipadas, que podem ser desprovidos de seu conteúdo semântico e de função sintática, e que permitem ao falante tomar e iniciar o turno, mantê-lo e encerrá-lo, bem como envolver os parceiros na conversação. São elementos típicos da fala, que funcionam como articuladores das unidades cognitivo-informativas do texto e como elementos orientadores da interação.

O autor pondera que, apesar de possuírem uma certa liberdade posicional nas falas, “a frequência com que certos marcadores ocorrem em determinadas posições tem levado os estudiosos a classificarem-nos como iniciais, mediais e finais em relação às unidades linguísticas com as quais eles estão envolvidos” (PRETI, 1999, p. 90).

Schiffrin (1987) define os MDs como elementos sequencialmente dependentes que unem as unidades de fala e que sinalizam relacionamentos entre unidades de fala imediatamente adjacentes e, portanto, têm uma função de construção em um nível de coerência local. Andrade (1990) *apud* Gonçalves (2006, p. 89) estabelece os MDs como conectores interativos e não apenas conectores textuais, uma vez que são estabelecidos nas funções interacionais, comandando estratégias adotadas pelos interlocutores no ato conversacional durante “a construção e manifestação de suas identidades sociais. Essas funções ganham existência através de esquemas linguísticos rotineiros e estereotipados, dependendo, geralmente, de fatores e variáveis socioculturais”.

Castilho (2016) postula que os marcadores prosódicos e as expressões pré-lexicais e lexicais são algumas classes que são acionadas como ferramentas de marcação conversacional no ato da fala. O autor ainda assevera que não há classes gramaticais específicas para os MDs, muitas vezes tratando-se de itens lexicais plenos que tiveram seu sentido alterado por inúmeras funções e possibilidades dentro de uma intenção interacional. Os marcadores exercem uma função textual, pois atuam de forma a organizar e estruturar o texto (CASTILHO, 1989), cabendo aos interlocutores buscar os recursos linguísticos que indiquem ou assegurem a compreensão e a manutenção do que se propõe no ato conversacional. Para tanto, ocorrem escolhas lexicais e de organização que conduzirão às intenções discursivas interacionais.

Penhavel (2010, p. 50-51) ressalta que os elementos considerados como MDs sempre estão relacionados a algo que seja central em relação a eles:

[...] eles próprios nunca são o centro (de qualquer aspecto) da comunicação verbal, mas atuam no processamento (de algum aspecto) da comunicação. Nesse sentido, cada abordagem particular, então, parece tomar como MDs aqueles elementos que atuam no processamento, ou organização, do aspecto da comunicação verbal que seu respectivo modelo teórico-metodológico focaliza.

Marcuschi (1989) reconhece dois grandes tipos: os marcadores pragmáticos e os marcadores textuais, nomeados por Castilho (1989) como interpessoais e ideacionais. O autor aponta, ainda, as funções apresentadas por Macedo e Silva (1987) que tratam de marcadores esclarecedores, de apoio, redutores, preenchedores de pausa, resumidores, finalizadores e argumentadores, bem como os indicados por Rosa (1990) como marcadores de atenuação, de distanciamento, de opinião e de rejeição. O autor finaliza este panorama, portanto, assinalando que há, ainda, vertentes a serem exploradas quando o assunto é o que pode ser considerado um marcador com funções específicas no ato conversacional.

Considerando as funções dos MDs, Castilho (2017, p. 26-27) apresenta alguns exemplos utilizados em diferentes momentos da interação:

a) Marcadores interpessoais (orientados para o interlocutor):

- iniciais: ah... eh.../ ahn.../ olha.../ e aí, tudo bem?/ tudo em cima/riba? escuta.../ vem cá... /como você sabe... /mas...
- mediais: é.../ é claro.../ exato.../ tá.../ tô entendendo...
- finais: sabe?/ sabia?/ entende?/ compreende?/ não é mesmo?/ não é?/ né?/ tá?/ viu?/ pô!

b) Marcadores ideacionais (orientados para o texto):

- Iniciam o tópico: bom.../ bem.../ assim.../ seguinte.../ por exemplo.../ e por falar em.../ quanto a.../ você já ouviu a última?
- Recusam o tópico: essa não!/ peraí/ sem essa!/ corta essa!/ xi::lá vem você de novo!
- Aceitam o tópico: tá bom.../ vamos lá.../ ok.../ fala...
- Organizam o tópico: inicialmente.../ primeiramente.../ em segundo lugar.../ em seguida.../ e então.../ e aí.../ agora.../ e depois.../ outra coisa.../ e tem mais...
- Operam a mudança de tópico: já (em a agricultura vai bem, a indústria se expandiu, já a situação do emprego não acompanhou esse progresso todo)
- Modalizam o tópico: sim, mas.../ pra mim.../ eu acho que.../ parece que.../ pode ser que.../ possivelmente.../ provavelmente.../ disque... (= dizem que...)/ sei lá.../ não sei.../ de certa maneira.../ num certo sentido.../ basicamente...
- Finalizam o tópico: papapa.../ e coisa e tal.../ valeu.../ é isso aí.../ falô...

Fraser (1999) indica a existência de dois conjuntos principais de MDs: os que estabelecem uma relação entre as mensagens, ou seja, aqueles que relacionam algum aspecto das mensagens produzidas que seguem e que precedem o marcador; e, os que relacionam os tópicos das conversações com o intuito de envolver algum aspecto de condução discursiva.

Na perspectiva de Burgo, Storto e Galembeck (2013, p. 298), os marcadores “não compreendem somente as expressões frequentemente utilizadas pelos falantes, mas envolvem, também, aspectos interacionais, textuais, cognitivos e finalísticos da linguagem”. Por terem funções abrangentes, é preciso, portanto, considerar as funções que exercem na conversação em cada contexto de uso.

Análise dos dados

É importante salientar que os excertos estão posicionados em duas linhas para cada sinalizante, e a primeira linha (em libras) nem sempre terá uma organização sintática igual à segunda linha (em língua portuguesa). Isso se dá pelo processo de tradução de libras para a língua portuguesa, que exige uma reformulação de ordem sintática nas sentenças analisadas, com retirada ou acréscimo de elementos que pertencem à língua alvo.

Marcadores de envolvimento do ouvinte⁷ “VEM CÁ” e “VIU”

Os excertos disponibilizados abaixo são conversas retiradas de diálogos com duplas diferentes. Observamos, nos dois casos, a tomada de turno, considerada por Castilho (2017) como exemplo de MDs iniciais que exercem a função de chamar a atenção, tomando o turno da conversação, no caso da libras, pelos sinais apresentados “CHAMAR” e “OLHAR”.

1. Sinalizante 1 (libras): CHAMAR IX(lá) ESCOLA SURDO OUVINTE SEPARADO PORQUE &(face-interrogação) DISCUTIR ERRADO &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (tradução LP): *Vem cá*, lá na escola tem a discussão de surdos e ouvintes estudarem separados, essa discussão não está errada?

Sinalizante 2 (libras): JÁ DIFERENTE SURDOS ESCOLA SÓ SURDOS SINALIZAR CONSEGUIR ADQUIRIR LÍNGUA CONSEGUE PRIMEIRA LÍNGUA DEPOIS SEGUNDA LÍNGUA ALFABETIZAR PORTUGUÊS APRENDER IX(ali) OUTRA OUVIR FALAR OUVIR SABER ESCREVER INGLÊS VÁRIAS DISCIPLINAS SE JUNTAR DOIS JUNTAR OUVINTE SURDO JUNTAR NÃO &(face-negação) APRENDER DIFERENTE IDENTIDADE+ IX(aqui) IX(ali) OUVINTE PRÓPRIO FALAR SURDO PRÓPRIO SE JUNTAR NEGATIVO SURDO

Sinalizante 2 (Tradução LP): Já tem diferença, surdos estudando em escola só de surdo ele consegue adquirir a língua sinalizada como primeira língua, depois ser alfabetizada em língua portuguesa, na escola de ouvintes eles vão aprender ouvindo e falando, aprender inglês e outras disciplinas. Se juntar os ouvintes e surdos não aprende, são diferentes, têm identidades diferentes, identidade do ouvinte vem pela fala oralizada, o surdo pela libras, se juntar não é negativo para o surdo.

7 Utilizamos aqui a nomenclatura convencionada por Galembeck e Carvalho (1997), mas salientamos que, no caso desta pesquisa, o “ouvinte” passa a ser reconhecido como o receptor da mensagem, tendo em vista que os diálogos dos vídeos utilizados sempre aconteceram entre duas pessoas surdas.

2. Sinalizante 1 (libras): CHAMAR VAMOS JUNTOS VIAGEM GOIÁS QUANDO &(face-interrogação)
Sinalizante 1 (tradução LP): *Vem cá, quando vamos conseguir viajar juntas para Goiás?*

Sinalizante 2 (libras): ENTÃO DESCULPAR TRISTE &(face-tristeza) JÁ COMBINAR GRUPO FAMÍLIA JUNTO VIAJAR CARNAVAL

Sinalizante 2 (tradução LP): *Então, desculpe, estou triste já havia combinado com grupo da minha família que iria viajar no carnaval junto com eles.*

3. Sinalizante 1 (libras): OLHAR COMO MANIFESTAÇÃO PRESIDENTE FORA NOVO COLOCAR FS (temer) É &(face-interrogação) MAS PERÍODO POUCO TEMPO COMO &(face-interrogação) JÁ MANIFESTAR

Sinalizante 1 (tradução LP): *Viu, como está tendo manifestação houve troca de presidente, colocaram Temer, não é? Mas ele está há pouco tempo como já há manifestações?*

Sinalizante 2 (libras): ENTÃO POR ISSO SIM MANIFESTAR PROBLEMA ECONOMIA VALOR BOLSA CAIR CRISE NÃO-CONSEGUIR TRABALHO DESEMPREGO MUITO NÃO-CONSEGUIR COMIDA XXX⁸ LIVRE DEIXAR POLÍTICA &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (tradução LP): *Então, por isso que sim devemos manifestar. Há problemas na economia, o valor da bolsa caiu, estamos em crise, trabalho está difícil encontrar, muito desemprego, as pessoas não conseguem comida XXX como deixar a política livre?*

Castilho (2016, p. 33-34) indica que uma característica muito comum na conversação é sua imprevisibilidade, a qual é acionada a todo momento, a depender da receptividade e da intenção do interactante. O autor destaca que, “ao longo da conversação, tomamos decisões ao mesmo tempo em que a estamos executando [...]. Construimos nossa participação numa conversa a partir da recolha e da análise dessas informações, numa atividade automática”. Desse modo, à medida que a conversação avança, o sinalizante vê a necessidade de tomar o turno e utiliza elementos linguísticos para isso. Os exemplos acima representam essa “chamada” de atenção para introduzir um novo tópico no turno, ou acender um posicionamento referente a um determinado tema. Nos três exemplos, os MDs introduzem o turno e, ao mesmo tempo, induzem o receptor da mensagem a prestar atenção na conversação, na proposta ou na ideia a ser explanada (GALEMBECK; CARVALHO, 1997).

No excerto (1), há a marcação para a chamada a fim de introduzir o tópico acerca da discussão que vinha ocorrendo na escola, e a sinalizante 1 questiona o sinalizante 2 se essa discussão não estaria equivocada. Isso também ocorre no excerto (2), quando o sinalizante 1 introduz o tópico com um questionamento sobre a data de uma possível viagem. Nos dois exemplos, os sinalizantes utilizam o MD “VEM CÁ”, que tem a configuração do sinal “CHAMAR”.

⁸ Conforme Quadros (2015), o item “XXX” é um sinal que não é reconhecido pelo transcritor. Assim, cada sinal não reconhecido no enunciado recebe a glosa “XXX”.

Já no excerto (3), o sinalizante 1 chama a atenção do sinalizante 2 com o sinal “OLHAR”, iniciando o turno e introduzindo o tópico relacionado às manifestações que estariam ocorrendo. O que se percebe é que, nos três casos apresentados, há uma marca de inicialização do turno, introduzindo um tópico. Esses marcadores são destacados por Castilho (2016) como uma inicialização da conversação.

Marcadores de busca de aprovação discursiva “ENTENDE?” e “SABE?”

Os exemplos abaixo demonstram a localização final como preponderante, obtendo do receptor a confirmação da sequência dos próximos tópicos e buscando o monitoramento do tema abordado. O marcador “ENTENDE?” assim como o marcador “SABE?” evidenciam a expectativa do falante quanto ao apoio e/ou atenção do seu interlocutor (URBANO, 1999). Para o autor, “a posição desses marcadores de busca de apoio no final de uma proposição reveste-lhes de uma intenção argumentativa, na medida em que frisam a proposição que finalizam” (URBANO, 1999, p. 97).

4. Sinalizante 1 (libras): IX(você) ACHAR IX(mãos) IMPORTANTE &(face-interrogação) PORQUE IX(mãos) IMPORTANTE &(face-interrogação)

Sinalizante 1 (tradução LP): Você acha importante? Por que é importante?

Sinalizante 2 (libras): PORQUE IMPORTANTE SIM+ &(face-afirmação) PORQUE TALVEZ IDADE NASCER ERRADO DOENÇA SURDO LÍNGUA IX(ele) APRENDER COMUNICAR LUTAR PERSISTIR SURDO RESPEITAR ENTENDER &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (tradução LP): Porque é importante sim, sim. Porque talvez nasce surdo ou acontece algo de errado, adquire uma doença em alguma idade e a é a língua do surdo, ele aprende a para se comunicar, lutar, persistir e a e o surdo precisam de respeito. *Entende?*

5. Sinalizante 1 (libras): PORQUE NÃO SENTIR BEM IX(lá) CURSO&(face-negação+interrogação)

Sinalizante 1 (tradução LP): Por que não se sentiu bem no curso?

Sinalizante 2 (libras): NÃO &(face-chateação) PORQUE DENTRO PRÓPRIO É LETRAS IGUAL LITERATURA LETRAS VÁRIAS PORTUGUÊS MATEMÁTICA FILOSOFIA IGUAL IGUAL NÃO &(face-negação) PARCIAL IGUAL ALGUMAS DISCIPLINAS DIFERENTE PARCIAL DIFERENTE MAS PRÓPRIO ESCREVER LETRAS DIFÍCIL NÃO-GOSTAR SABER

Sinalizante 2 (tradução LP): Ah não, porque Letras- é um curso como Literatura, Letras, vários outros, como Português, Matemática, Filosofia são iguais, igual não, parcialmente igual, algumas disciplinas são diferentes, parcialmente diferentes, mas tem a característica de escrever muito, é difícil, não gostei, *sabe?*

6. Sinalizante 2 (libras): É EXEMPLO EU QUERO SÓ CURSO ESTUDAR ADMINISTRAÇÃO 4 ANOS PROCURAR OUTRA VAGA TRABALHO MELHOR SALÁRIO MAS VONTADE CURSO PSICOLOGIA TOMARA

Sinalizante 2 (tradução LP): É, por exemplo, eu estou cursando o curso de administração que dura 4 anos para conseguir outra vaga de emprego com salário melhor, mas tenho muita vontade de cursar psicologia, tomara.

Sinalizante 1 (libras): TOMARA+

Sinalizante 1 (tradução LP): Tomara, tomara.

Sinalizante 2 (libras): PORQUE IX(si) SEMPRE QUERER AJUDAR PESSOA PSICOLOGIA PESSOA AJUDAR SONHO ENTENDER &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (tradução LP): Porque eu sempre quis ajudar as pessoas e psicologia eu posso ajudar as pessoas, meu sonho. *Entende?*

7. Sinalizante 1 (libras): ENTÃO VERDADE MAS TER FAMÍLIA COMUNICAR ALEGRE LIBRAS MELHOR PORQUE SE IX(si) VOLTAR[?] IMPLANTE COCLEAR SOFRER COISAS COMUNICAR NÃO-CONSEGUIR

Sinalizante 1 (tradução LP): Então, é verdade, mas têm famílias que são alegres, tem comunicação em libras e isso é melhor, porque se eu voltar a ter o implante coclear vou sofrer para me comunicar e não vou conseguir.

Sinalizante 2 (libras): CONDORDAR CERTO IX(si) EXEMPLO IX(si) EXEMPLO VONTADE MÃE COMUNICAR DIALOGAR EXEMPLO MÃE GRITAR BRIGAR[?] &(face brava) IX(si) BRIGAR NÃO MELHOR DIALOGAR ERRADO USAR EXPRESSÃO VERGONHA TOD@S OUVIR COMO SURD@ BAGUNÇAR ENTENDER &(face interrogação)

Sinalizante 2 (tradução LP): Concordo, certo. Eu por exemplo, eu por exemplo, tenho vontade que minha mãe se comunique comigo, dialogue. Por exemplo, minha mãe fica gritando, brava, brigando comigo, se usasse a libras seria melhor, conversar, dizer o que está errado, usar expressões, fico com vergonha porque todos vão ouvir e dizer, como? Que surda bagunceira! *Entende?*

Nos casos apresentados acima, os MDs estão localizados após a explanação do tópico, em forma de perguntas diretas e indicando a passagem do turno. Nesses casos, há a expectativa lançada aos sinalizantes que estão recebendo a informação, expectativa que busca pela aprovação do que foi explanado, como que buscando a confirmação do que foi dito no tópico e orientando a passagem de turno ao interactante.

É interessante observar a função dos MCs “ENTENDE?” e “SABE?”, cuja função interacional na libras não difere da função que, na maioria das vezes, exercem nas línguas orais-auditivas. Galembek e Blanco (2001) evidenciam que os marcadores do tipo “né?”, “sabe?”, “certo?”, “entende?” e perguntas retóricas possuem função fática; entretanto, assumem, também, a função de busca de aprovação discursiva na interação. Marcadores desse tipo são representados por uma pergunta direta que busca a atenção do interlocutor, bem como também visam a obter sua concordância e, por isso, são chamados, nos estudos da língua falada, de marcadores de envolvimento do ouvinte e marcadores de busca de aprovação discursiva. O sinalizante os emprega, portanto, para manter a atenção e conseguir o assentimento de seu interlocutor, ocorrendo, normalmente, na forma indagativa.

Observamos nos excertos (4) ao (7) que os marcadores “ENTENDEU?” e “SABE?”, empregados pelos sinalizantes nesses episódios, indicam a busca de aprovação discursiva do receptor e denotam o caráter elocutivo da conversação, cumprindo suas funções de marcação, aplicadas durante a sinalização. Todos os quatro MDs estão

posicionados ao final dos turnos como forma de encerrá-los, localização muito comum para este tipo de marcadores como aponta Urbano (1999).

Essa busca de aprovação discursiva é muito recorrente em diálogos e discussões em diferentes tópicos discursivos, buscando, de forma estratégica, receber do interactante a aprovação de que sua mensagem foi endossada e que este pode prosseguir com suas argumentações discursivas.

Essa expectativa por aprovação é constatada pelo uso do MD "ENTENDE?", nos excertos (4), (6) e (7), quando, após uma explanação argumentativa de um assunto, finaliza o turno com este marcador. No excerto (5), essa mesma tentativa é empregada utilizando também um item verbal, por meio de uma intenção argumentativa, fazendo uso agora do marcador "SABE?". Em todas as funções demonstradas acima, os marcadores contribuem para a articulação do texto sinalizado, se apropriando das funções elencadas pelos autores estudados nesta pesquisa, dentre elas, as destacadas por Urbano (1999, p. 100), "de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante", quando este julgar necessário.

É interessante observar a função desses MDs, cuja função interacional na libras não difere da função que, na maioria das vezes, ele exerce nas línguas orais-auditivas. Galembeck e Blanco (2001) evidenciam que os marcadores do tipo "né?", "sabe?", "certo?", "entende?" e perguntas retóricas possuem função fática, entretanto, assumem, também, a função de busca de aprovação discursiva na interação. Marcadores desse tipo são representados por uma pergunta direta que buscam a atenção do interlocutor, assim como também visam a obter sua concordância, por isso são chamados, nos estudos da língua falada, de marcadores de envolvimento do ouvinte e marcadores de busca de aprovação discursiva. O sinalizante os emprega para manter a atenção e conseguir o assentimento de seu interlocutor, ocorrendo, normalmente, na forma indagativa.

A fim de colaborar com a análise de indagações pospostas como "sabe?", "né?", "entende?", "certo?", Barros (2005, p. 242) afirma que, ao mesmo tempo em que buscam a participação do destinatário, "atenuam o caráter impositivo do que é dito pelo destinador", amenizando, assim, as asserções mais fortes. Apesar de estarem alocados nesta subseção destinada aos MDs que possuem sua orientação ao interlocutor, esses marcadores carregam, também, um valor ideacional. Portanto, esse tipo de marcador possui a função de busca de aprovação discursiva, reforçando o que foi afirmado por Urbano (1999, p. 91), ou seja, que, durante o processo organizacional da fala, "todos os marcadores desempenham, ora com destaque para ideacionais, ora para as interacionais e/ou pragmáticas".

Nesse sentido, torna-se importante ressaltar que o item "ENTENDE?" foi anteriormente indicado como pertencente ao grupo dos marcadores com função interacional, e que

agora tal ocorrência permite ratificar o que Urbano (1999) sinaliza, quando aponta que um mesmo item pode desempenhar função direcionada ao interlocutor e ao texto.

Silva e Strazzi (2017, p. 202) advogam que:

Os MDs exercem funções interacionais quando atuam no processamento da interação conversacional, quando cumprem alguma função advinda diretamente da relação presencial entre os interlocutores, integrando, portanto, o componente interpessoal da linguagem. Os marcadores interacionais não são constituintes sentenciais, pois são exteriores ao conteúdo proposicional e sintaticamente independentes de suas unidades adjacentes.

O que compreendemos é que esse componente interpessoal é acionado à medida que o interlocutor julga necessário chamar atenção para algo, marcar uma retomada ou a passagem de turno. Esses recursos linguísticos são acionados quando os interlocutores evidenciam a necessidade dessa interação e escolhem qual marcador acionar.

Marcadores de opinião “PENSO QUE”, “ACHO QUE” e “ACREDITO QUE”

Nos exemplos abaixo, apontamos alguns exemplos de MDs que exercem a função de marcar a opinião do sinalizante acerca de algum assunto. Nesses casos, há a intenção, por parte do enunciador de indicar seu posicionamento, marcando-o com a utilização dos MDs prefaciadores de opinião.

Outra característica que podemos observar, nos exemplos abaixo, está relacionada com a intenção marcante de atenuação da opinião expressada. Essa propriedade marcadora está sempre associada como sinais do falante, de acordo com Marcuschi (2003), e atuam com propósito de minimizar riscos sobre o que será dito.

8. Sinalizante 1 (libras): ENTÃO OUVIR PESSOAS INFLUENCIAR CAPAZ IMPLANTE COCLEAR PESSOAS ACEITA PESSOAS FAMÍLIA CAPAZ SURD@ PROBLEMA IX(elses) INFORMAÇÃO GANÂNCIA DINHEIRO EXPLORAR IMPLANTE COCLEAR MOTIVAR IX(sis) VER AGORA ESCOLA AGORA DV(tirar-objeto-redondo-atrás-orelha)+ IMPLANTE COCLEAR VER+

Sinalizante 1 (tradução LP): Então, ouvintes têm influenciado que o implante coclear torna o surdo capaz e as pessoas têm aceitado, a família acha que o surdo será capaz de ouvir, mas o problema é que as informações são baseadas na ganância para vender e exploram essa informação sobre o implante coclear, motivam o implante. Agora, eu vejo na escola eles tirando seus implantes, vejo isso.

Sinalizante 2 (libras): ÀS VEZES+ IX(ela) FAMÍLIA QUER SURD@ IGNORANTE IMPLANTE COLOCAR DEPOIS CRESCER RECLAMA NÃO-GOSTAR ACEITAR NÃO FORA IMPLANTE COCLEAR RECLAMA PALHAÇO PAGAR CARO MELHOR IX (si) PENSAR PRIMEIRO MAIS CRIANÇA CRESCER MAIS QUERER IMPLANTE COCLEAR OBEDECER ESCOLHER POSS(del@)

Sinalizante 2 (tradução LP): Às vezes, às vezes ela, a família, quer, mas o surdo é alheio ao implante coclear, coloca sem saber e depois quando cresce reclama, não gosta, não aceita, quer retirar o implante coclear e reclama, e a família se sente como enganada, pagou caro no implante. *Penso que* é melhor primeiro esperar a criança crescer, se quiser implante, respeitar a escolha dela.

9. Sinalizante 1 (libras): ALGUNS SOLTEIRO OUTRO GRUPO CASADO OUTRO NAMORADO CADA UM DIFERENTE IX(si) PENSO MELHOR IX(nós-grupo) COMBINAR BOM

Sinalizante 1 (tradução LP): Alguns são solteiros, outro grupo são casados, outros namorando, cada um é diferente, eu *penso que* é melhor assim, com um grupo que combine fica bom.

Sinalizante 2 (libras): ENTÃO+ TAMBÉM IGUAL VAMOS &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (tradução LP): Então, então, também penso assim, vamos?

Observamos, nos dois excertos acima, o emprego dos marcadores de opinião “PENSO QUE”, no caso do excerto (8), como uma forma de anunciar o posicionamento do sinalizante 2 a respeito da questão do uso do implante coclear em surdos: que se deve esperar a criança crescer para que ela tenha o direito de escolher se quer ou não usar o implante coclear. No excerto (9), essa marca está relacionada à questão de que seria melhor saírem em grupos do que se identifiquem melhor, para evitar desconfortos. Galembeck (2002) assevera que podemos observar as marcas de interessoalidade representadas por marcadores de opinião, geralmente, construídos com verbos de valor cognitivo ou de percepção, como *acho que*, *creio que* e assemelhados. O MD “PENSO QUE” está no rol desses assemelhados e, no caso acima, exerce a função de prefaciador de opinião com valor atenuativo.

Por se tratar de um ponto de vista que possa não ser completamente aceito pelos interactantes, o sinalizante utiliza esse recurso para se preservar de possíveis reações negativas, optando por esse dizer mais atenuado para se resguardar de um ponto de vista diferente do seu. De acordo com Burgo, Storto e Galembeck (2013, p. 310),

[...] esses MC são constituídos pelo verbo na primeira pessoa do singular, com o que podemos, portanto, detectar as marcas da enunciação. Representados por verbos ou locuções denotadoras de atividade mental ou de elocução, esses marcadores incluem-se no grupo que indica que o locutor não assume, diretamente, os conceitos emitidos, de modo a atenuar o discurso e, por conseguinte, resguardar a face dos interlocutores. Ressalta-se que o emprego desse marcador é mais comum quando o falante busca amenizar o que é dito em seu discurso, mostrar humildade diante de algum fato ou diminuir sua responsabilidade pelo que afirma, por isso é pouco comum o emprego desse marcador quando o objetivo do falante é assegurar com convicção seu interlocutor de alguma coisa ou quando a responsabilidade por alguém é de terceiros.

Com funções semelhantes aos MDs indicados acima, o marcador “ACREDITO QUE”, localizado no excerto abaixo, é acionado com o mesmo propósito exposto anteriormente, qual seja: atenuar a asserção acerca do êxito na divisão do tempo entre estudo e trabalho.

10. Sinalizante 1 (libras): CONSEGUIR ESTUDAR TRABALHAR CONSEGUIR ESTUDAR IX(você) (face-interrogação)

Sinalizante 1 (tradução LP): Consegue acompanhar estudo e trabalho? Você consegue estudar?

Sinalizante 2 (libras): POUCO DIFÍCIL NÃO-TER VIDA COMEÇAR PROCESSO DEPOIS ACOSTUMAR TEMPO DIVIDIR CAPAZ EVOLUIR IX(si) ACREDITAR FUTURO POSITIVO

Sinalizante 2 (tradução LP): É um pouco difícil, não tinha costume e estou começando, é um processo ainda, depois acostumo a dividir o tempo. Sou capaz de evoluir, *acredito que* no futuro conseguirei.

Sinalizante 1 (libras): JOVEM TEMPO EVOLUIR IX(você) CONSEGUIR MAIS

Sinalizante 1 (tradução LP): Você é jovem, com tempo vai se desenvolver e conseguir.

Sinalizante 2 (libras): OPORTUNIDADE

Sinalizante 2 (tradução LP): Uma oportunidade.

Marcadores como “*eu acho (que)*”, “*creio (que)*”, “*eu sei*”, “*me parece que*”, “*eu tenho a impressão*”, “*acredito que*”, além de se apresentarem como prefaciadores de opinião (os quais manifestam a percepção pessoal acerca de algum assunto), possuem, também, valor *atenuativo* (GALEMBECK; CARVALHO, 1997; BURGO; STORTO; GALEMBECK, 2013). Eles não somente revelam a subjetividade de quem emite a opinião, como, ainda, colaboram para diminuir sua responsabilidade acerca do ponto de vista exposto. O MC “EU ACREDITO QUE” contribui para reduzir a força ilocutória do enunciado, pois a opinião expressa está embasada em uma projeção futura e para a qual não há plena certeza de concretização: conseguir conciliar trabalho e estudo futuramente.

11. Sinalizante 1 (libras): IX(si) AINDA DESEMPREGADO FALTA TRABALHO MAS IX(si) ACHAR PRECISAR ESTUDAR IMPORTANTE

Sinalizante 1 (tradução LP): Eu ainda estou desempregado, falta trabalho, mas eu *acho que* é importante estudar, preciso estudar.

Sinalizante 2 (libras): ENTÃO SIM IMPORTANTE

Sinalizante 2 (tradução LP): Então, sim é importante.

12. Sinalizante 1 (libras): SALA PROFESSOR ESCREVER DV(escrever-lousa) SURDO OUVINTE INCLUSÃO INTERAÇÃO AJUDAR PRIMEIRO ESTUDAR PORTUGUÊS ESCREVER DEPOIS TROCAR EU ACHO NÃO PRECONCEITO NADA SURDO INTERAÇÃO UNIÃO TROCA INTÉRPRETE JUNTO IX(aqui) UNIÃO INTERAÇÃO

Sinalizante 1 (tradução LP): Na sala o professor escreve na lousa e acontece uma interação entre surdos e ouvintes, acontece a inclusão, uma interação que ajuda primeiramente a estudar o português, depois uma troca, eu acho que não há preconceito com o surdo, há uma interação, uma união, uma troca, juntamente com o intérprete ocorre uma união e a interação.

Sinalizante 2 (libras): IX(si) GOSTAR MAIS OUVINTE INCLUSÃO SURDO MAS IX(si) ACHAR PASSADO DÍFICIL ENTENDER OUVINTE PORTUGUÊS ANTES PALAVRA PORTUGUÊS NÃO-ENTENDER &(face-negação) AGORA INCLUSÃO ADAPTAÇÃO MAIS CLARO SURDO ENTENDER

Sinalizante 2 (tradução LP): Eu gosto mais da inclusão surdos e ouvintes, mas eu *acho que* antes era mais difícil entender os ouvintes e o português, as palavras do português não entendíamos, agora, com a inclusão e as adaptações ficou mais claro para o surdo entender.

13. Sinalizante 1 (libras): IX(si) ACHAR MELHOR INCLUSÃO

Sinalizante 1 (tradução LP): Eu *acho que* a inclusão é melhor.

Sinalizante 2 (libras): IX(você) APRENDER TUDO CONSEGUIR &(face-interrogação)

Sinalizante 2 (tradução LP): Você consegue aprender tudo?

Sinalizante 1 (libras): SIM &(face-afirmação) MAS ÀS VEZES FALHA INTERAÇÃO TROCA

Sinalizante 1 (tradução LP): Sim, mas às vezes acontecem falha nessa interação, nessa troca.

De forma similar, o marcador “ACHO QUE” desempenha a função dos MDs descritos nos parágrafos anteriores, conforme assinalada por Urbano (1999): marcar opinião, mas não de forma categórica e definitiva. No caso do excerto (11), o sinalizante 1 indica sua opinião a respeito de ser importante estudar, se preparar. Do mesmo modo, no excerto (12), o sinalizante 2 indica sua opinião, sem muita certeza, de como era a convivência entre surdos e ouvintes em tempos anteriores aos atuais. Já no excerto (13), há uma impressão mais latente, que marca o julgamento do sinalizante acerca de a inclusão ser melhor para a educação de surdos. O MD, neste caso, marca o perfil de dúvida se seu posicionamento está coerente com a realidade mencionada durante a conversação.

Considerações finais

No que concerne às pesquisas que têm como objeto de estudo aspectos linguísticos e funcionais das línguas de sinais, é relevante salientar que, apesar do aumento significativo desses estudos nos últimos tempos, ainda são escassos, quando comparados a outras línguas de modalidade oral. De todo modo, tais estudos realizados por linguistas das diferentes áreas de concentração e de diferentes países têm fomentado pesquisas que contribuem para o (re)conhecimento das peculiaridades presentes nessa modalidade linguística, bem como a busca por estudos que desmistifiquem e esclareçam pontos análogos às línguas orais.

Uma questão interessante de relatarmos, e que faz parte desse crescimento de investigações na área dos estudos linguísticos das línguas de sinais, é que, como afirma Quadros (2017), os surdos têm se apropriado de sua língua e ocupado lugares de pesquisa e luta, antes ocupados apenas por ouvintes. Esse movimento de autoria surda tem aumentado a busca quantitativa e qualitativa por trabalhos que contribuam com a emancipação linguística desses sujeitos.

Conforme observado no *corpus*, os MDs, na libras, desempenham papéis análogos aos da língua oral-auditiva em português, como os marcadores de função interacional, os quais atribuem dinamicidade ao diálogo e contribuem para a construção e gestão do ato conversacional. Identificamos, ainda, que os marcadores aqui apresentados e analisados realizam, em todo movimento interacional, uma macrofunção, não podendo a eles serem empenhadas apenas funções isoladas. De acordo com os resultados, assinalamos que “ENTENDE?” e “SABE?”, além de serem marcadores interpessoais, podem, também, atuar no plano ideacional, exercendo, assim, função direcionada ao interlocutor e ao texto. Eles possuem, em maior grau de predominância, sua orientação ao interlocutor, no entanto, podem carregar, ainda, um valor ideacional, ou seja, cumprem o papel interacional de busca de aprovação discursiva e envolvimento do interlocutor, podendo operar como elementos de coesão entre as partes do texto.

Cabe salientar que, nessas interações sinalizadas, estão presentes, também, as intencionalidades comunicativas, as quais são assumidas pelos interactantes durante o evento comunicativo. Embora a língua brasileira de sinais tenha sido oficializada no país há mais de 19 anos, e as discussões a respeito de seus aspectos linguísticos tenham se iniciado antes mesmo dessa oficialização, muitos são os debates necessários e que possibilitariam uma maior visibilidade ao uso e estudo dessa língua, buscando, para seus usuários, um (re)conhecimento e sensação de pertencimento, de forma efetiva, desse universo vasto a ser explorado.

Por fim, esperamos que este trabalho possa servir como um incentivo aos pesquisadores da área a se debruçarem em pesquisas que desvelem cada vez mais os atributos linguísticos da libras, uma vez que é tão rica e complexa quanto as línguas orais. Além disso, esperamos contribuir com o que entendemos ser uma maior visibilidade a essa modalidade linguística, pouco investigada quando comparada com outras línguas naturais. Trata-se de uma língua que requer uma análise focada em seu processo de construção, em situações concretas de uso, legitimando, assim, o fortalecimento de seu *status* linguístico. Afinal, os surdos representam uma parcela da população brasileira e a sua língua natural – uma das línguas oficiais do país – deve ser compreendida como uma língua a ser estudada e descrita.

REFERÊNCIAS

BARROS, D. L. P. A sedução nos diálogos. In: PRETI, D. (org.). *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005. p. 225-254.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BURGO, V. H.; STORTO, L. J.; GALEMBECK, P. de T. O caráter multifuncional dos marcadores de opinião "Eu acho que" e "I think" na fala dos presidentes Lula e Obama. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 289-312, 2013. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/23492>. Acesso em: 19 jun. 2020.

CASTILHO, A. T. de. Contribuições de Luiz Antônio Marcuschi para a linguística brasileira: do microcosmo conversacional para a formulação dos princípios linguísticos. In: ATAÍDE, C. et al. (org.). *Gelne 40 anos: experiências teóricas e práticas nas pesquisas em linguística e literatura*. São Paulo: Blucher, 2017. p. 21-48.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTILHO, A. T. de. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 1989.

ELAN (Versão 5.9) [Software]. (2020). Nijmegen: Instituto Max Planck de psicolinguística. Disponível em: <https://archive.mpi.nl/tla/elan>. Acesso em: 03 jul. 2023.

FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, v. 31, n. 7, p. 931-952, jul. 1999.

GALEMBECK, P. de T. O Turno conversacional. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP (Projetos Paralelos), v. 1, 2003. p. 65-92.

GALEMBECK, P. de T. Marcas da subjetividade e intersubjetividade em textos conversacionais. In: PRETI, D. (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002. p. 67-88.

GALEMBECK, P. de T.; BLANCO, L. R. Marcadores conversacionais na linguagem jornalística. *Revista Philologus*, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, Rio de Janeiro, ano 7, n. 20, p. 52-63, jun. 2001.

GALEMBECK, P. de T.; CARVALHO; K. A. *Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo*. Projeto NURC (Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo) São Paulo, p. 830-848. 1997.

GESSER, A. *LIBRAS que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GONÇALVES, E. *Marcadores conversacionais na interlíngua de aprendizes de espanhol no Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

LEITE, T. de A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MAHER, T. M. O dizer do sujeito bilíngue: aportes da sociolinguística. *In: SEMINÁRIO DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA EDUCAÇÃO BILÍNGUE PARA SURDOS*, Rio de Janeiro, 1997. *Anais...* Rio de Janeiro: INES, 1997.

MARCUSCHI, L. A. *Análise da Conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.

MARCUSCHI, L. A. *Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções*. Campinas: Unicamp, 1989.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. de A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição dos dados. *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 54, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880>. Acesso em: 14 mar. 2020.

PENHAVEL, E. *Marcadores discursivos e articulação tópica*. 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

QUADROS, R. M. de. *et al. Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. de. *Língua de Herança: Língua brasileira de sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, R. M. de. A transcrição de textos do Corpus de Libras. *Revista Leitura*, v. 1, n. 57, p. 8-34, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/3618>. Acesso em: 21 set. 2019.

QUADROS, R. M. de. *Proposta de Manual de transcrição do Corpus Libras*. 2015. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MAN UAL_CORPUS%20transcri%C7%A7%C3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169881/2015%202905%20MAN%20UAL_CORPUS%20transcri%C7%A7%C3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 12 ago. 2019.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. S. (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 371-390.

SCHIFFRIN, D. *Discourse Markers*. Studies in Interactional Sociolinguistics 5. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SILVA, L. da; STRAZZI T. G. Marcadores discursivos em Libras. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 198-217, jul./dez. 2017.

URBANO, H. Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. (org.). *Análise de Textos Oraís*. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999. p. 81-101.